

**SOBRE OS INQUÉRITOS EXPERIMENTAIS DO ATLAS  
LINGÜÍSTICO DO BRASIL:  
ainda discutindo os questionários\***

Vanderci de Andrade Aguilera (UEL)

Introdução

As cartas dos atlas lingüísticos apresentam um instantâneo dialetal de determinada área explorada, podendo responder a indagação de como este ou aquele conceito se manifesta em determinado lugar e época. Além disso, confirma Silva Neto (1957: 37), a carta não oferece apenas um corte sincrônico, porém vários cortes sincrônicos, uma vez que a distribuição geográfica atual proporciona, em conseqüência, a reconstituição de áreas outrora vivas e hoje desaparecidas, submersas por outras camadas, creditadas quer a empréstimos, quer a novas criações. É o caso, por exemplo, da carta nº 46 do Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR), cujo tema '*bananas que nascem grudadas*' mostra, na linguagem rural, a coexistência de formas inovadoras da linguagem padrão, reforçadas pela instituição escolar, como *gêmeas* e *duplas*, ao lado de outras conservadoras, como *filipe*, *incõe*, *inconha*, resistentes na linguagem regional e/ou rural. A primeira foi trazida pelos mineiros e paulistas, no final do século XIX e início do XX, para o Norte do Paraná. Trata-se de unidade lexical produtiva tanto na linguagem rural como na urbana, independentemente de grau de escolaridade e que se poderia classificar como um regionalismo. As duas últimas, de base tupi, remontam ao século XVII e, partindo do litoral, concentram-se no sul, irradiando-se em direção ao centro-oeste, nas localidades mais antigas do Paraná.

---

\* Parte deste texto foi apresentada no IV Encontro de Estudos Lingüísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana - BA, 1998.

Sua predominância é no meio rural, entre os menos escolarizados e os mais idosos.

Ainda na linha de raciocínio de Silva Neto, as cartas oferecem, portanto, um quadro sinótico da história da língua, pois deixa evidentes as viagens de palavras, centros de inovação e expansão, cruza-mentos, regressões e falsas regressões, colisões e atrações homonímicas, pressão constante da língua comum sobre os falares. Tomando-se algumas cartas do ALPR, essa assertiva se comprova, por exemplo, com as variantes fonéticas para gengiva (carta 98). Dos 132 registros, considerando-se apenas a sílaba final, 22% são do português padrão: [ʒẽ'ʒiva] ou [ʒi'ʒiva], os demais 78%, representados pelos registros finais em [-ba], [-be], [-bi], [-bra], [-bre], [-bri], [-bru], [-ve], [-vi], [-vra], [-vre], [-vri], refletem formas da linguagem popular transmitidas oralmente de geração a geração, com todas as possibilidades de mudanças na articulação dos sons, motivadas por fatores lingüísticos e extralingüísticos diversos, isto é, assimilações internas progressivas ou regressivas, oclusivização do [v] e epênteses por analogia com homônimos ou parassinônimos que remetem a conceitos e formas mais concretos ou presentes no vocabulário ativo do usuário.

Para que um Atlas lingüístico tenha todo esse alcance, é fundamental refletir sobre o(s) questionário(s) que se pretende aplicar. E essa tem sido a preocupação do Comitê Nacional do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB) desde os seus primeiros encontros.

Antes de entrar na discussão do Questionário semântico-lexical do ALiB, é interessante realizar uma rápida visita a alguns estudos sobre o tema da elaboração e aplicação do questionário na pesquisa geolingüística.

#### 1. De Nascentes (1954) a Ferreira (1994)

Nascentes, em trabalho publicado em 1958, apresenta, a título de sugestão, *“um questionário típico, de caráter geral (cada região terá seu questionário suplementar especial), o que elaboramos em 1954*

para curso do professor Pop, o primeiro que se fez no Brasil, e uma lista dos pontos em que devem ser feitos os inquéritos”. Propõe, na seqüência, uma lista de itens lexicais, sem a preocupação de delimitar o(s) conceito(s) a ser(em) investigado(s). Por exemplo: na mesma linha, coloca “natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo, etc.”. Essa proposta de Nascentes aparece mais bem estruturada no 2º volume do *Bases para a elaboração do atlas Lingüístico do Brasil*. O Questionário compreende quinze campos semânticos: a Terra, o Homem, A Família; Tratamentos; Nascimento; Indústrias; Várias; Religião; Festas e divertimentos populares; Animais; Plantas; Casamento; Morte; Fórmula de saudação; Habitação.

Silva Neto (1957:44), em curso ministrado na UFSC, enfatizando a importância de inquéritos de cunho lingüístico-etnográfico, sugere, para a elaboração do Atlas Regional de Santa Catarina, iniciar os trabalhos com inquéritos parciais para gradativamente chegar a um questionário completo que abranja todas as esferas semânticas. Propõe, então, alguns estudos que envolvam, entre outros, a pesca, suas técnicas e instrumentos, os peixes, a canoa; os animais; os nomes das partes do corpo humano; os nomes para a cachaça e a embriaguez; os nomes para criança; o estudo lingüístico-etnográfico sobre a mandioca, a casa, o carro de bois, as medidas; as plantas; e os nomes para papagaio de papel.

Traça em seguida, um Esboço de questionário - 1ª tentativa, com cerca de 350 questões, envolvendo três grandes campos semânticos: Terra, Animais e Homem, com ênfase neste último, cada um dos quais compreendendo outros subcampos, como a natureza, fenômenos atmosféricos, plantas e operações com elas relacionadas; nome de alguns animais e objetos e atividades com eles relacionados; partes do corpo humano, doenças, feridas, qualidades e defeitos físicos e morais; nascimento, casamento, morte, relações sociais; ofícios, profissões e atividades; vestuário e calçado do homem, da mulher e da criança; religião e maravilhoso popular, etc., incluindo uma seção

para assuntos diversos. O questionário definitivo teria, com isso, mais de 1200 questões.

No trabalho complementar ao de 1958, Nascentes traz nas Especificações do questionário geral (p.23-36), mais ou menos 1100 itens lexicais. Dois aspectos devem ser ressaltados neste trabalho de Nascentes: a disposição dos itens lexicais em ordem alfabética (não mais em campos semânticos) e o elenco das variantes lexicais regionais, demonstrando um conhecimento profundo da realidade lingüística da época. A título de exemplo, no verbete para o conceito que remete, para nós norte-paranaenses, a piolho-de-cobra, o autor relaciona: “*ambuá, bicho-de-ouvido, caramugi, embuá, gongolo, grongo, piolho-de-cobra*” (p.24). Para o brinquedo de papel e varetas que se faz subir ao vento por meio de um fio de linha, traz: *arraia, pandorga, pipa, papagaio, tapioca* (p. 25). Para a galinha d’angola, além deste nome, relaciona *angolina, angolista, capote, cocar, estou fraca, galinha-da-guiné, galinha-da-índia, galinha-da-numídia, galinhola, guiné, picota e pintada* (p. 26).

Mônica Rector (1983), após análise deste questionário de Nascentes, faz uma severa crítica quanto ao número de questões e ao aspecto metodológico. A autora julga a relação bastante pobre, mormente em se tratando de um questionário básico e não específico. Quanto ao aspecto metodológico, considera imprecisa a organização dos temas, ora relacionados em nível sócio-semântico, ora citados dispersamente, de modo abrangente e superficial. Comenta Rector: “No índice de Plantas não inclui a agricultura” (p. 15); “Espiritismo, por exemplo, é um item de Festas e divertimentos populares, enquanto em Religião aparecem temas exclusivamente católicos” (p. 17).

Caruso (1984), ao propor o questionário para o Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo – ALESP – com 318 perguntas, considera dois grandes campos semânticos: a Terra e o Homem e vários subcampos: fenômenos atmosféricos, astros, tempo, flora, doenças, plantas medicinais, vestuário e calçados, brinquedos infantis. O último subcampo é destinado a lendas, superstições e narrativa de experiência pessoal, portanto prevendo

respostas descritivas e narrativas. Caruso apresenta um único questionário para atender questões de ordem semântico-lexical e fonético-fonológica.

Aguilera, para o Esboço de um Atlas Lingüístico de Londrina – EALLO - (1987) e para o Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR - (1994), adota a proposta de Caruso, sugere algumas mudanças quanto à natureza das questões, exclui algumas que se revelaram pouco produtivas na aplicação do Projeto-piloto, e introduz outras com base na análise dos resultados das primeiras aplicações durante a pesquisa de campo. Igualmente não propõe um questionário específico para investigar questões de ordem fonético-fonológica, embora na cartografia procure agrupar os casos de similaridade e de diversidade de registros fonéticos para determinado fonema ou grupo de fonema. Veja-se, por exemplo, as cartas para *garapa, estrela, alecrim, ponte, cravo* (Aguilera: 1994).

Ferreira e Cardoso (1994: 30), ao tratarem da recolha de dados, recomendam as duas alternativas: a da aplicação de um questionário e o do registro de conversa livre e comentam que

*“a primeira hipótese não exclui a segunda, ao contrário, a boa técnica recomenda que, aplicado o questionário formal, se registrem alguns minutos de conversa livre sobre tema que poderá ser relacionado a uma das atividades do informante ou predominante na região, ou então, totalmente livre, incluindo-se relatos pessoais e narrativas de diferentes gêneros.”*

Com a experiência de quem, além de ter integrado a equipe de dois atlas estaduais, Bahia e Sergipe, dedica-se aos estudos dialetológicos há quase quarenta anos, as pesquisadoras insistem que a elaboração do(s) questionário(s) deve ser regida pelos objetivos que se pretende atingir:

*“Se se trata de um levantamento geral das características do dialeto da região, o questionário precisará ser amplo e abrangente, tocando nas diferentes áreas semânticas que informam o mundo bio-social. Com tal procedimento, possibilita-se atingir a diversidade lexical, a variedade fonética, deixando-se margem a que as estruturas morfossintáticas se espelhem nas respostas a questões lexicalmente dirigidas e em questões gerais a serem formuladas.” (Op. cit.: 30-31)*

## 2. O Atlas Lingüístico do Brasil: bases para a elaboração dos questionários

Reconhecendo o largo espectro da geolingüística, que se soma à expectativa que os estudiosos depositam nos Atlas Lingüísticos, a equipe do Comitê Nacional para o ALiB vem realizando discussões, não só nas reuniões internas do Comitê mas também em Encontros científicos nacionais e estrangeiros, sobre a elaboração dos questionários de cujos resultados sairá o corpus para a construção das cartas. Os tempos mudaram, a sociedade mudou e o instrumento de coleta de dados em Geolingüística não pode ser o mesmo de Gilliéron nem de Nascentes.

Nessa adequação da pesquisa ao perfil da sociedade brasileira atual, composta em sua maioria por habitantes urbanos e suburbanos ou rurbanos, com esvaziamento quase total dos campos na maioria das regiões do país, espera-se um atlas que fale da realidade lingüística da maioria da população luso-falante, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas – fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas – consideradas na perspectiva da Geolingüística, cujos resultados possam contribuir para o aprimoramento do ensino-aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.

Para isso pretende investigar a linguagem oral popular brasileira através de três instrumentos de coleta de dados:

questionário semântico-lexical (QSL), fonético-fonológico (QFF) e morfossintático (QMS). O primeiro, de que trataremos aqui, na versão 2000, constitui-se de 210 questões envolvendo 15 campos e subcampos semânticos dos acidentes geográficos (6 questões), fenômenos atmosféricos (14 questões), astros e tempo (16) flora (6), atividades agropastoris (22), fauna (26), corpo humano (32), cultura e convívio (6), ciclos da vida (19), religião e crenças (9), festas e divertimentos (19) habitação (8), alimentação e cozinha (10) vestuário (6), e vida urbana (11) (Comitê Nacional do ALiB: 2000).

Os Questionários são o resultado de inúmeras propostas, discussões e ajustes, elaborados a partir da experiência dos vários autores dos Atlas estaduais (Atlas Prévio dos Falares Baianos, Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais, Atlas Lingüístico da Paraíba, Atlas Lingüístico de Sergipe e Atlas Lingüísticos do Paraná) e regional (Atlas Lingüístico e Etnográfico do Região Sul), além das contribuições buscadas no Atlas Linguistique Roman – ALiR e do Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza.

Na análise das cartas comuns (a todos ou a alguns) dos atlas publicados e no ALERS, foram observados os seguintes aspectos: (a) a relação entre o número e natureza das questões propostas no início da pesquisa e o das cartas cartografadas; (b) as perguntas referentes a formas que se revelaram de interesse do ponto de vista lexical pela riqueza sinonímica apresentada; e (c) formas lexicais que indicaram áreas dialetais.

Com relação ao primeiro item, a equipe considerou relevante evitar no ALiB o que ocorrera nos atlas estaduais e regional mencionados, isto é, a desproporcionalidade entre a extensão do questionário e o número de itens cartografados. Se os autores descartaram em média mais de 50% das questões, chegando até a 90%, por motivos que não cabe aqui se discutirem, o bom senso sinaliza que um atlas nacional representativo não tem necessariamente que ter um questionário com milhares de perguntas. A equipe privilegiou a qualidade e o resultado final

em detrimento da quantidade, concordando, a propósito, com a crítica de Pickford sobre os primeiros resultados do LANE, Linguistic Atlas of New England, citada por Brandão e Morais (1998). A autora americana questionou a cientificidade desse atlas primeiramente devido aos problemas decorrentes de questionários de grande extensão por fatigarem o informante principal, levando o pesquisador a lançar mão de informantes eventuais ou secundários

Quanto ao item b, alguns conceitos remetem a um polimorfismo lexical mais significativo do que outros. Veja-se, como exemplo, o caso das cartas para *cogumelo* e *alpargatas* no ALPR, *sutiã* no ALPB e ALPR, *rótula* e *útero* no APFB, ALSE e ALPR. Outros, ao contrário, sobressaem-se pelo polimorfismo fonético, como *eucalipto*, *estômago*, *vaga-lume* e foram contemplados no QFF. Esses dados são significativos para a reconstituição e descrição das várias etapas do Português Brasileiro e foram incorporados no momento da elaboração dos Questionários.

No que se refere ao item c, podemos citar, como exemplo, duas cartas que contemplam os conceitos da '*parte terminal da inflorescência da bananeira*', e da '*cambalhota*'. No que diz respeito àquele, constatou-se que as formas *buzo*, *buza*, *buzina*, no APFB, predominam na área baiana limítrofe com Sergipe, estendendo-se em uma faixa em direção oeste; no ALS estão presentes, à exceção de uma, nas demais localidades do território sergipano. Outras formas documentadas no APFB, como *umbigo*, *coração*, *engaço*, encontram-se também no ALPR, onde não aparecem *buzo*, *buza*, *buzina*. Quanto ao segundo caso, *cambalhota* - uma das poucas cartas comuns aos 5 atlas - apresenta várias bases lexicais e variantes fônicas diversas registradas como formas produtivas nos Atlas da BA, SE e PB: *maria escambota*, *maria escambona*, *cambota*, *carambota*, *canastra*, *bunda canastra*, *cangapé* e *cabriola* ao contrário do que ocorre nos de MG e PR onde predominam *cambalhota*, *cambota*, *vira cambota*, *pirueta* e *salto mortal*.

Ainda sobre a seleção dos itens incluídos no QSL, Cardoso

(1998:173) comenta que se levou em conta, além da orientação onomasiológica, o objetivo de documentar o registro coloquial do falante, buscando as formas de emprego mais geral na localidade, sem priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupos. Desse modo, não se incluíram no QSL, embora se reconheça o interesse que possa advir das respostas, as questões sobre a flora, a fauna, os acidentes geográficos, os costumes ou os objetos característicos exclusivamente de determinadas regiões, como por exemplo, geadas, neve, tipos de abóbora, danças regionais entre outras.

### 3. A tipologia de questões constantes de questionários dialetológicos tradicionais e do QSL/ALiB

Rector (1983: 13), ao fazer uma revisão crítica da sugestão de questionário do Atlas Lingüístico do Brasil, de Nascentes (1958 e 1961), propõe, seguindo o método empregado por Orton e Dieth, na elaboração do Atlas da Inglaterra, a formulação de questões de cinco tipos abaixo descritos e ilustrados com questões propostas no QSL do ALiB:

i) naming question (denominação): a mais simples. Apontando ou mostrando o objeto ou o desenho correspondente ou imitando a ação. No ALiB, são 21 questões, ou 10 % do total do QSL. Exs.: *Como se chama isto?* (Questão 97), apontando o próprio calcanhar; *E isto?* (Questão 92), apontando a parte posterior do pescoço.

ii) completing question (complementação): oralmente, usando entonação adequada, para o informante completar. No ALiB/QSL temos apenas 6 questões, isto é, 2,8% de questões deste tipo. Exs.: *Para acender um cigarro, eu uso fósforo ou \_\_\_\_\_.* (Questão 181); *Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou \_\_\_\_\_* (Questão 187).

iii) talking question (conversação): para designação simples; nesta modalidade, que chamamos descritivas, incluem-

se na pergunta o maior número de semas do objeto a ser denominado para facilitar sua decodificação, mas sem induzir a resposta. No ALiB/QSL são a maioria (81,2%) Ex.: *Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?*(Questão 16); *Que nome dão para o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?* (Questão 66). Em muitos casos essas questões são acompanhadas de gravura ou da própria realia, como na questão para bala/confeito/bombom: *Como chamam aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa?* (mostrar).

iv) converting question (conversão): usada para formas verbais. No ALiB as questões dessa natureza apareciam no Questionário Morfossintático (QMF), na versão de 1998. Depois de verificar a pouca produtividade, optou-se por formulações menos rígidas ao contrário das que lembravam questões escolares. Em vez de : *Faça uma afirmação começando sempre por ONTEM EU ...estar em casa* (Questão 88 do QMS, 1998), optou-se por *O que você(o/a) senhor(a) FEZ ontem? O que você(o/a) senhor(a) FIZERAM ontem?* (Questões 35 e 36 do QMS, 2000);

v) reverse question (reversão): dá-se uma palavra para verificar seu significado. Usada no APFB, ALSE e ALPR, como teste de identificação, quando havia dúvida sobre a resposta do informante ou quando este, depois das reformulações, afirmava não se lembrar ou não conhecer o nome referente ao conceito.

#### 4. A formulação de questões

Nos diversos eventos científicos em que se apresentam os integrantes do Comitê Nacional do ALiB sempre surgem perguntas do gênero: De quantas questões constará o Questionário? Por que os Atlas Europeus trabalham com mais de 1000 questões chegando a quase 5000, como o Atlas Lingüístico da Romênia, enquanto o ALiB terá pouco mais de 500? A equipe coordenadora, repito, está convicta de que o mais importante não é o número de questões a ser proposto, mas que

o êxito de uma pesquisa dialetológica, e mais especificamente geolingüística, depende da formulação inequívoca das questões.

Ainda retomando o artigo de Brandão e Moraes (1998 [1990]:107) em que citam a crítica de Pickford sobre os primeiros resultados do LANE, esta autora propõe que, para a maior rentabilidade dos questionários, fossem sanados dois outros problemas, além da extensão: “a má redação de algumas de suas perguntas, e a forma como ele era aplicado”.

É importante salientar que o Comitê Nacional vem-se empenhando na solução destes três problemas, quando: (a) propõe um questionário com um número razoável de questões sem cansar demasiadamente o informante selecionado na comunidade; (b) já aplicou em mais de cem informantes os questionários a título de experimentação/testagem para verificar a produtividade, clareza e objetividade das questões, a reação dos informantes e a postura do inquiridor diante das questões mais complicadas. Essas aplicações foram feitas no decorrer dos anos de 1998, 1999 e 2000, por documentadores tanto neófitos como experientes, em localidades do Ceará, Rio Grande do Norte, Amapá, Pará, Bahia, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, cujos resultados foram discutidos em dois workshops (Salvador, 1999 e Londrina, 2000). Nesses dois encontros nacionais, cada questão foi revista detalhadamente e refeita até se chegar a uma formulação satisfatória. A equipe de documentadores, após análise meticulosa, também entendeu que o sucesso do questionário não está apenas naqueles três aspectos, mas na composição de uma equipe não muito numerosa que proceda a uma coleta de dados de forma homogênea para todas as localidades e informantes.

Para a formulação definitiva, é importante testar com informantes de diversas regiões a compreensibilidade de todos os elementos da frase, pois, o ato de colher uma fruta, por exemplo, pode ter como correspondente, em determinadas regiões ou estratos sociais, apenas uma das formas verbais: apanhar, derrubar, cortar, ficando invalidadas ou inadequadas as demais. Acrescente-

se a isso que cada fruta, dependendo da região, pode ter seu verbo próprio, por exemplo: não se apanhar um coco, mas se derrubar. No caso do ALPR, tivemos, inicialmente, dificuldade em obter o item lexical *ponte* ou variantes devido à presença da palavra construção na pergunta que remetia ao processo da *construção* da ponte e não ao produto final. Outro exemplo foi a pergunta sobre plantas para se fazer chá contra determinadas doenças. O informante rural, na maioria dos casos, entende como planta o que ele planta e como erva o que é nativo.

##### 5. Primeiras aplicações dos Questionários do ALiB e primeiras dificuldades

Publicada em 1998 a primeira versão dos Questionários do ALiB, realizaram-se os primeiros testes em informantes das diversas regiões brasileiras. Nesses testes algumas questões, cerca de 18%, ofereceram certas dificuldades na decodificação, conforme expuseram Pontes e Aguilera (1999: 238-244). Tratava-se de três ordens de dificuldades: (a) questões que necessitaram de um complemento para que o conceito pudesse ser decodificado, atendendo-se ao conhecimento de mundo do falante com maior experiência em trabalho rural; (b) itens lexicais da questão que precisaram ser substituídos para dirimir a ambigüidade sugerida pela proposta inicial por remeterem a conceitos distintos; (c) perguntas longas dificultando a apreensão imediata do objetivo do inquiridor.

Essas dificuldades foram expostas em Encontros científicos e reuniões do Comitê Nacional e propiciaram sucessivas reanálises e refações de cada questão problemática, adequando-as ao perfil do informante que se pretende para o ALiB.

De capital importância foi o *II workshop de preparação de investigadores do Atlas Lingüístico do Brasil*, realizado na Universidade Estadual de Londrina, em julho de 2000, que reuniu, além dos membros do Comitê Nacional, mais de cinquenta pesquisadores dos vários estados brasileiros, desde o

Maranhão até o Rio Grande do Sul, passando por Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Tocantins. Esses pesquisadores aplicaram previamente em uma localidade de seu estado de origem a versão 1998 dos Questionários e relataram em sessões plenárias as dificuldades encontradas na pesquisa de campo. O Comitê Nacional apresentou e discutiu em plenário a versão 2000 que foi testada, pelas equipes regionais, em 12 informantes na cidade de Assaí – PR.

Das discussões do grupo saíram (a) as sugestões para a versão, que se espera definitiva, para se dar início à coleta dos dados ainda no decorrer deste ano. Essas sugestões envolveram tanto a formulação como, principalmente, a ordem das questões no questionário. Para isso elaboraram-se propostas de agrupá-las por afinidades semânticas para auxiliar o informante na associação das idéias suscitadas pelos temas, evitando-se passar bruscamente de um tema para outro; (b) a conscientização de que o investigador deve ter completo domínio do questionário e das várias possibilidades de resposta no QSL; (c) a necessidade de conhecimento mais profundo das obras fundamentais de dialetologia brasileira e portuguesa e dos vocabulários regionais já publicados; (d) a compreensão de que muitas vezes o problema não está no questionário, mas na falta de habilidade do inquiridor. Isso importa dizer da maneira como ele se coloca diante do informante: forma de abordagem, tom de voz, reação diante do silêncio ou dos equívocos do informante.

A breve análise das dificuldades - apresentadas tanto na etapa da seleção e formulação das questões como para o momento das aplicações experimentais de um questionário geolinguístico - permite dar uma visão pelo menos panorâmica dos obstáculos com que se depara um investigador da linguagem oral.

Espera-se que o traçado desse percurso, encetado pela equipe do ALiB por mais de três anos, possa servir de subsídios a outros pesquisadores de projetos semelhantes. Quanto a essa equipe, as constantes reflexões e reformulações sobre as propostas dos Questionários têm referendado as palavras de Rossi (1965:

50) quando afirma que a responsabilidade sobre *as razões de serem aquelas e não outras (quem saberia quais?) as perguntas formuladas; de sermos nós e não outros os inquiridores; de serem aqueles e não outros os informantes (...)* não nos cabe, mas se deve principalmente à própria natureza do tecido emaranhado que se procura deslindar.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Aspectos lingüísticos da fala londrinense: esboço de um Atlas Lingüístico de Londrina*. Londrina: CONCITEC/UUEL/Prefeitura do Município de Londrina, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo & MORAES, João Antônio de . A geolingüística no Brasil: resultados e perspectivas. IN *Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina (ALFAL)*. Campinas: UNICAMP/IEEL, 1998, v. IV.
- CARDOSO, Suzana Marcelino. Atlas Lingüístico do Brasil: um projeto nacional. In AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina : Editora UEL, 1998.
- CARUSO, Pedro. *Questionário do Atlas Lingüístico do estado de São Paulo*. Assis: Prefeitura do Município de Assis, 1984.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários*. Londrina: Ed. UEL, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários*. Londrina: Ed. UEL, 2000 (versão revista e adaptada para estudos durante o II Workshop de preparação de inquiridores para o Atlas Lingüístico do Brasil).
- FERREIRA, Carlota e CARDOSO, Suzana Marcelino. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958 e 1961, 2 v..
- PONTES, Ismael e AGUILERA, Vanderci. Questionário geolingüístico: uma proposta de reorientação metodológica. *Estudos Lingüísticos XXVIII* (GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo). São Paulo, SP, 1999.

- RECTOR, Mônica (org.). Questionário básico de trabalho de campo lingüístico: revisão crítica do Questionário do Atlas Lingüístico de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.
- ROSSI, Nelson. Atlas prévio dos Falares Baianos: introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas. Rio de Janeiro: INL, MEC, 1965.
- SERAFIM DA SILVA NETO. Guia para estudos dialectológicos. Belém: CNPq / Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 2. ed.; 1957.